

VIAJAR PELA PAISAGEM DO ALTO DOURO VINHATEIRO – TURISMO, LITERATURA E ARTE

Isilda Leitão¹

Resumo

O Douro, rio que dá nome a uma região, considerada *paisagem cultural de valor universal* pela UNESCO em 2001, foi fonte inspiradora para escritores, cineastas, pintores. Com este estudo, tomando por companhia alguns dos nossos mais importantes intelectuais contemporâneos, pretendemos viajar através desse espaço ficcional, a que não foram alheios muitos *viajantes cultos* que o cruzaram, contribuindo muitos deles, de alguma forma, para elevar esta região a património mundial.

Tomando como guia o rio Douro, iniciaremos este percurso com uma breve apresentação da região do Alto Douro Vinhateiro e razões da sua candidatura. Seguidamente teceremos algumas reflexões sobre a relação entre *paisagem*, Literatura, Arte e Turismo. Sumarizando algumas das iniciativas de promoção literária levadas a cabo desde o ano de atribuição desta classificação, apresentaremos alguns intelectuais, nacionais e estrangeiros, dos séculos XIX e XX, que nos poderão motivar, através das suas obras, a partir em demanda destas terras. Entre o que permanece e o que muda, terminaremos com algumas considerações finais sobre a grande potencialidade de exploração turística desta região.

Palavras-chave: Alto Douro Vinhateiro, Paisagem, Turismo, Literatura, Arte.

¹ A autora do artigo não escreve de acordo com o novo acordo ortográfico português. Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril – Portugal. IELT – Universidade Nova de Lisboa. isilda.leitao@eshte.pt

TRAVELING FOR THE LANDSCAPE OF THE HIGH DOURO VINHATEIRO - TOURISM, LITERATURE AND ART

Abstract

The Douro, the river that lends its name to a region, was deemed a *cultural landscape of universal value* by UNESCO in 2001, has long since been a source of inspiration for writers, filmmakers and artists. With this article, with some of the most important contemporary intellectuals as our company, we seek to voyage through this fictional environment, which welcomed many such *cultured travellers* that toured here and all contributing in one way or another to this region attaining its universal heritage status.

Taking the river Douro as our guide, we set out on this journey with a brief description of the Alto Douro Wine region and the reasons justifying its candidacy. We then advance with a reflection on the relationship between this *landscape*, Literature, Art and Tourism. We then subsequently summarise some of the literary promotional initiatives implemented in the period since the region received its UNESCO recognition and correspondingly presenting some of the national and international 19th and 20th century intellectuals that might, through their works, motivate a journey through these lands. Between that which remains and that which changes, we close with some final considerations as to the great tourism potential of this region.

Keywords: Alto Douro Wine Region, Douro Landscape, Tourism, Literature, Art.

INTRODUÇÃO

“Tal como os guias de viagem influenciam práticas espaciais específicas (de turismo), os planos de desenvolvimento turístico e subsequentes desenvolvimentos privilegiam certas práticas espaciais que resultam em formas específicas de ver a paisagem.”

(João Sarmento, 2004: 340)

Para a paisagem do Alto Douro Vinhateiro ser considerada património cultural e natural mundial, em 2001, parece evidente que terá obedecido aos critérios definidos pela UNESCO para tal, seja na constituição ecológica e biológica que lhe confere a sua beleza natural, seja na componente estética dos seus vinhedos², enquadrados pela Demarcação Pombalina, o primeiro modelo institucional mundial de organização e controlo de uma região vitícola (Aguiar, 2002), ou seja, é a mais antiga região vitícola regulamentada do mundo.

As primeiras demarcações ocorrem ainda no tempo do Marquês de Pombal (entre 1757 e 1761), seguidas, entre outras de carácter expansionista, pelas “demarcações marianas”, pela demarcação no reinado de D. Carlos (1907) e pela classificação de parcelas com vinha produzida por Álvaro Moreira da Fonseca (1932-1980), já no período do Estado Novo. A região classificada pela UNESCO compreende treze concelhos: Mesão Frio, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião, Vila Real, Alijó, Sabrosa, Murça, Carrazeda de Ansiães, Torre de Moncorvo, Lamego, Armamar, Tabuaço, S. João da Pesqueira e Vila Nova de Foz Côa.

Para além da antiguidade da demarcação da região vitícola, como elementos de distinção patrimonial, destacam-se igualmente os “terraços/socalcos” (muros tradicionalmente de xisto, mas actualmente com novas formas de armação de vinhas) e o “cruzamento de culturas” milenares (da Pré-História aos nossos dias). Bianchi de Aguiar (*ibidem*: 146-147) sintetiza outras justificações apresentadas para a candidatura que, fruto de um trabalho multidisciplinar, permitiram pôr em evidência o “carácter excepcional do Alto Douro Vinhateiro, no contexto de toda a bacia hidrográfica do Douro/Duero”³. Salientam-se os seguintes aspectos:

“Carácter único da relação do Homem com a Natureza, numa situação de escassez e adversidade dos elementos naturais – a água, o solo e as encostas íngremes; Carácter sábio desta relação, resultado de um conhecimento profundo das culturas mediterrâneas e da sua adaptação à escassez e diversidade dos elementos naturais onde a vinha é a cultura por excelência em associação com a oliveira e a amendoeira; Exemplo significativo de uma paisagem ilustrativa de diversos períodos

² A vinha foi cultivada no período da ocupação Romana e, posteriormente, já no século XII, no período da Reconquista, pelos monges de Cister. A partir da segunda metade do século XVII começa a produzir-se e a exportar-se para Inglaterra o famoso Vinho do Porto, exportação reforçada pelo tratado de Methuen, em 1703, celebrado entre Portugal e a Inglaterra, e pela Feitoria que os ingleses vão criar na cidade do Porto (zona da Foz do Douro) (Monteiro e alii, 2009, *Roteiros* 2012).

³ A área proposta compreende 24.600 hectares (representando dez por cento da região demarcada do Alto Douro, que engloba na totalidade 36.000 hectares de encosta íngreme e é considerada a mancha mais significativa da Europa, no que respeita a regiões vitícolas e de encosta), estendendo-se “ao longo das encostas do rio Douro e dos seus afluentes, em especial dos rios Varosa, Corgo, Távora, Torto e Pinhão” (Bianchi de Aguiar, *ibidem*: 146).

de história humana (...) modos de organização da vinha de diferentes épocas históricas que evoluíram em função do surgimento de novas tecnologias, mas mantendo uma forte identidade e reflectindo saberes, técnicas, costumes, rituais e crenças tradicionais das populações locais (...)” (*ibidem*: 146).

Ressaltamos as diferentes dimensões que foram consideradas na justificação desta candidatura, pois também elas se encontram presentes nas obras literárias e artísticas que retrataram e retratam o Rio Douro, no geral, e esta região duriense, em particular⁴, e que fazem deste um espaço associado a eventos relevantes da história e da cultura, europeia e mundial. Como exemplo, evocamos o período das invasões francesas (início do século XIX); do subsequente período de confrontos entre liberais e absolutistas; entre *cartistas* e *setembristas*, recordando, a este propósito, algumas das alusões bélicas descritas pelo escritor Joaquim Gomes Monteiro (1893 -1950), em terras do Douro e do Alto Douro Vinhateiro (Porto, Moncorvo, Lamego, Vila Nova de Foz Côa), na sua obra *Feras no Povoado, Memórias dum Guerrilheiro Cabralista* (1947)⁵. A obra refere o período das invasões francesas, da “Maria da Fonte” e da “Patuleia”, tendo sido ilustrada pelo pintor e inventor da banda desenhada em Portugal, Stuart de Carvalhais (1887-1961). Ouçamos o escritor, a propósito de um destes cenários bélicos: “Ao seu conhecimento (de António Marçal) chegara a notícia de que, nas terras de Moncorvo, a guerrilha miguelista, capitaneada pelo padre Sabino e reforçada pelos fozcoenses que o Marçal enxotara após sangrenta refrega, andava espalhando o terror entre as famílias liberais (...) Foi então que o Loriga manifestou vontade de agir por si, constituindo uma guerrilha sua (...) Segundo o critério do Loriga, todos aqueles que mais se salientavam na caça aos *pedreiros-livres* deviam ser caçados com o mesmo rigor, pois que só assim ficaria cumprido o juramento sagrado que fizera sobre o cadáver ensanguentado de seu pai” (Monteiro, 1947: 120-121).

1. A PAISAGEM, A LITERATURA, AS ARTES E OS LUGARES DE TURISMO

“Presentemente estas (...) regiões (...) têm muito poucas parecenças, em termos físicos, sociais, económicos ou políticos, com aquilo que eram há séculos, ou mesmo há uma ou duas décadas atrás (...). As paisagens (...) são de facto paisagens humanas e culturais, trabalhadas e vividas.”

(Sarmento, *ibidem*: 259-260).

Antes de nos debruçarmos sobre a paisagem do Alto Douro Vinhateiro, vista pelos intelectuais que a descreveram, gostaríamos de tecer algumas considerações que poderão ajudar a compreender o quão importante podem ser a Literatura e as Artes na construção dos lugares de Turismo. A primeira, lembrando que o termo e o conceito de *paisagem*, que inicialmente surge no século XVI (Buescu, 1990), se afirma e consolida a partir do século XVIII e ao longo do XIX, “como lugar privilegiado para colocar a questão da «representação» e do «mundo» (*idem, ibidem*: 18), e o modo como

⁴ Vide o estudo de Pinto da Costa (1977), a propósito da comunidade local do Alto Douro; das suas tradições usos e costumes; da sua religião oficial (católica) e marginal (comungando outras crenças, mitos e ritos da área do profano); do trabalho vitivinícola (que compreende o trabalho vitícola, de “natureza agrícola”, que se realizava integralmente no Alto Douro, e o trabalho “vinícola”, já “industrial”, que tem a sua “derradeira e decisiva fase nos armazéns de Vila Nova de Gaia”, já fora da região demarcada), nas primeiras três décadas do século XX. Outro dos estudos importantes para o conhecimento desta região turística é o de Sousa e Pereira (1988).

⁵ Sobre a temática de resistência ao liberalismo *vide*, entre outros, Ferreira, 2002.

determinada “personagem” se relaciona com a “natureza/paisagem” (*ibidem*: 19). Os nacionalismos do século XIX, emergentes e convergentes com o movimento romântico, consolidam os estados-nação europeus, menos ou mais “artificiais” (como é o caso da Itália e da Alemanha). Estes espaços políticos virão a circunscrever e a fazer consolidar relevantes espaços culturais.

Seja na Literatura, que o Naturalismo/Realismo elegerá como arte científica (Hobsbawam, 1988: 392), seja na Arte, o modo como o Autor/criador representa o *mundo* e se relaciona com determinada *paisagem*, não mais deixará de estar presente. Na paisagem literária, através da descrição literária, na paisagem artística, através da descrição pictórica, fotográfica e, mais tarde, cinematográfica.

A segunda consideração diz respeito à relação entre Literatura e Turismo, destacando o papel daquela na “promoção turística”. No tempo em que não havia fotografias, máquinas de filmar ou telemóveis, recordamos aqui o seu importante papel como potenciadora de destinos turísticos. Como refere Florence Deprest, é o poema *Die Alpen* de Hallier, publicado, traduzido e amplamente difundido a partir da sua primeira publicação em 1732, e que conhece “pelo menos dez edições entre 1749 e 1772” (Roger, cit. Deprest, 2004: 95), que põe os Alpes na moda, antes mesmo da publicação da *Nouvelle Héloïse* de Jean Jacques Rousseau, em 1760. Menciona ainda a autora que é o século das Luzes, o século dos *philosophes*, que vai propiciar igualmente “todo um contexto social, ideológico e estético que favorece a invenção da montanha alpina” (Deprest, *ibidem*: 94- 95).

A paisagem é, deste modo, uma *inventio*, um *construto* fundamental da cultura, pois essas e outras montanhas, na Europa e no resto do globo, atravessadas normalmente por comerciantes, eram lugares inóspitos, onde viviam populações rurais, maioritariamente analfabetas, que se dedicavam à agricultura ou à pastorícia. É, deste modo, graças ao filósofos, escritores e artistas dos séculos XVIII e XIX, que a cultura ocidental procede à “sagração estética da natureza”, o que nos permite compreender, com o actual retorno da Estética, “a possível fundação de uma nova filosofia da natureza, capaz de integrar a dimensão estética ou de unir superiormente a visão científica com a visão estética da natureza (...) para uma nova relação do homem com a natureza, em que o estético não seja considerado como um luxo mas como um elemento essencial de uma vida boa (...)” (Santos, 2001: 173-174).

Por outro lado, não esqueçamos que, simultânea e paradoxalmente, a Revolução Industrial, a partir da segunda metade do Século XVIII, vai provocar “a prática sistemática da paisagem como lugar-no-mundo, como hipótese de uma imanência (...que) nasce do confronto e da consciência que também a paisagem se perde (...) Tal consciência do carácter precário da natureza, da sua historicidade (afinal humana) faz parte da noção de paisagem e acompanha, de uma forma ou de outra, as suas variadíssimas manifestações” (Buescu, 2012: 11). Muitos destes pressupostos filosóficos, mais ou menos dissimulados, talvez tenham transitado para as actuais preocupações com o Turismo sustentável. Em relação aos autores que evocamos, cuja obra literária ou artística pode vir a sugerir itinerários turísticos, as suas descrições reflectem, igualmente, tudo o que nesta paisagem há de mais humano e real, nomeadamente o viver humilde das populações. Dizendo de outro modo, a *paisagem literária* “constitui uma das mais interessantes manifestações da natureza histórica do lugar, bem assim como este reflecte e configura as relações do humano com o que imagina enquanto transcende. A paisagem é uma forma de evidência do lugar que está

bem longe de se confinar a uma visão idílica dos seus componentes (...) a sua fundamentação estética (e por isso histórico-cultural), enquanto conceito, faz parte da sua mesma natureza (...) Uma paisagem nunca se limita a «estar aí». Ela constitui-se como um *acontecimento* que o sujeito constrói na história” (Buescu, 1990: 9).

Em “Aprender a sair”, refere ainda Deprest, a propósito do papel dos intelectuais, “das elites progressistas” e da sua participação didáctica (fazendo “propostas”, dando “conselhos aos poderes públicos”) na difusão do turismo que “não foi tanto a instauração da legislação sobre as férias pagas, mas sim o trabalho secular das elites culturais para difundir modelos de práticas de espaço que não pertencem ao quotidiano, que permitiu o desenvolvimento do turismo. Esta fase de aprendizagem permite explicar a diferença entre a legislação (1936, para a França) e o verdadeiro arranque do fenómeno turístico nos anos de 1950 e 1960, além do facto de a Segunda Guerra Mundial se intercalar nesse período” (Deprest: *ibidem*: 18-19).

Embora não estejamos totalmente de acordo com a autora, porque valorizamos igualmente o papel do quadro político (Estado social), do “patronato paternalista” e do sindicalismo operário na promoção e favorecimento da cultura e da aprendizagem da deslocação turística, como aliás ela própria sugere - afirmando que para “estar operacional” a partir do momento em que a “Libertação” da França (que havia sido ocupada pelos nazis) fosse possível, foi criada a “associação” “Turismo e Trabalho (...) Organizada pelo Conselho Nacional da Resistência (...) que obtém o apoio dos grandes sindicatos”, como a “CGT, CFDT (... sendo) patrocinada por importantes personalidades políticas e outras”, como o arquitecto “Le Corbusier” (*ibidem*: 18-19) - não quisemos deixar de citar o breve apontamento para enfatizar o papel dos intelectuais na difusão desses *modelos de práticas de espaço que não pertenciam ao quotidiano*, como foi o caso da sua colaboração na didáctica do lazer no século XX. Este aspecto didáctico não está longe do que os parentes ou os preceptores da alta nobreza e da alta burguesia faziam, quando preparavam os seus “alunos” para o *Grand Tour* nos séculos XVII e XVIII, ou para as estâncias termais do século XIX (*ibidem*: 17-18).

Deste modo, para que o “turismo popular” (“festas populares”, “actividades culturais”) e “formas de alojamento acessíveis para os rendimentos modestos” fosse possível para todos, o “Touring Club de França (...) lança em 1948, a aldeia das tendas” e é “inventado o termo” «aldeia de férias» sem fins lucrativos (*ibidem*: 19). Também podemos “vislumbrar”, como refere a autora, como aquela “«educação» desejada pela elite progressista fez a cama ao futuro mercado turístico «industrial»”, como é o caso do “Club Méditerranée”, que “nasce em 1950” e que, de “turismo social” (até 1958), passa a “sociedade comercial” (logo, com fins lucrativos) “anónima” (1962), já não sendo actualmente “o símbolo do turismo social, mas do turismo de massa”(*ibidem*).

Por outro lado, no momento em que parece, na actualidade, ser tão criticado o *turismo de massa* (e a “carga turística”) por certos intelectuais e por elites económicas que, sob a máscara da defesa de um “turismo sustentável”, se tornam defensores de um turismo cada vez mais elitista, o chamado turismo de “nicho”, aproveitando-se desse facto, precisamente, para retirar cada vez mais alguns dos privilégios adquiridos pela dita classe que trabalha, recordamos como a indústria turística não se realiza apenas com alguns eleitos (como aconteceu durante séculos), mas que vivem dessa indústria os profissionais de Agências de Viagens, os Guias Turísticos, os Gestores Hoteleiros, os profissionais de Cozinha, etc. Ou seja, importa não esquecer que o autor da *Nouvelle Heloise* é também o autor do *Contrato Social*, base fundamental da democracia europeia e mundial.

Ainda a propósito de Rousseau e do bucolismo rural da *Nouvelle Heloise*, gostaríamos por último de salientar que o termo *paisagem* remeterá posteriormente à famosa dicotomia cidade-campo, “tema do fascínio dum imaginário europeu que se cristalizou no conceito de civilização” (Machado, 2001: 34), que impregnará a Literatura e as Artes europeias nas últimas décadas do século XIX, e terá em Portugal a *Geração de 70* e Eça de Queirós como grande precursor. Na sua obra *A Cidade e as Serras*, cujo cenário campestre se desenrola precisamente em Santa Cruz do Douro (a famosa Tormes, no imaginário queirosiano), Eça expressa já as suas dúvidas sobre o conceito de *civilização*, em analogia com outros autores, e “exprime a cada passo uma funda desilusão e um infinito tédio perante a grande civilização das grandes metrópoles, sobretudo relativamente a Paris” (*ibidem*: 38-39)⁶.

Interessa-nos a cidade, pois embora nos dediquemos à paisagem duriense das encostas vinhateiras, neste artigo, ainda que muito brevemente, referiremos a paisagem do Douro no local onde se confunde com o Atlântico: a cidade do Porto (e a sua Foz) também património da humanidade. Ora, a cidade, como refere Machado, “a grande cidade (...), concentra em si, como espaço duma totalidade cósmica e imaginária, todos os fascínios e todos os medos, todos os esplendores e todas as misérias” (Machado, 2001: 33) é amplamente referida (cidade e rio) por artistas e poetas. A título de exemplo, lembremos aqui a Antologia *Ao Porto, Colectânea de Poesia sobre o Porto* (2001).

2. ALGUNS PROJECTOS REALIZADOS NA PROMOÇÃO DO TURISMO LITERÁRIO, NO NORTE DE PORTUGAL E NA REGIÃO DO ALTO DOURO VINHATEIRO

Embora o interesse pelas Casas-Museus de escritores (ou outros intelectuais), cemitérios onde estão sepultados, *lugares* e *sítios* literários, sempre tenha sido objecto de curiosidade e culto, sabemos da importância que, a partir do século XVII, tem vindo a adquirir o fenómeno turístico relacionado com a literatura, sobretudo a partir de finais da década de oitenta do século passado (Watson, 2006; Robinson, 2007; Hendrix, 2012, Leitão, 2016).

Apesar de alguns projectos pioneiros (como é o caso da Casa-Museu de Guerra Junqueiro, no Porto, ou da Casa de José Régio, em Portalegre), esse interesse pelo Turismo Literário chega a Portugal a partir do início do século XXI, altura em que, quer a Direcção Regional de Cultura do Centro quer a Direcção Geral da Cultura do Norte, começam a desenvolver Projectos relacionado como o Turismo Literário. No caso desta última, nomeadamente o projecto *Viajar Com...* que estabelecia itinerários dedicados a escritores como Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, José Régio, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Trindade Coelho ou Ferreira de Castro. Os livros

⁶ Apesar desta fuga para o campo, detectamos no ambiente rural descrito neste romance algo que Eça não deixa de retratar e que traduziremos nas palavras do historiador inglês Hobsbawm sobre aquela época: “A fidalguia rural não podia deixar de exercer os seus poderes e influência no seu «condado», tal como os magnates locais não podiam deixar de fazer o mesmo em Bury ou Zwickau” (Hobsbawm, 1990: 212). Muitos dos empreendimentos hoteleiros que se dedicam ao Turismo Rural, resultam da recuperação de casas rurais dessa antiga *fidalgua*, como é o caso da *Quinta de Tormes*, impulsionada pela Fundação Eça de Queirós.

publicados nesta *Maleta Literária* funcionavam quase como roteiros, para quem não conhecia a obra dos autores, pois referiam os “lugares de inspiração” e a “tipografia literária” dos mesmos, além de fornecerem informações gastronómicas associadas às obras e às regiões referidas. Nestes últimos ainda encontrávamos mapas das cidades e regiões, indicações sobre postos de turismo, etc. (Leitão, 2012 e 2016).

Mais recentemente (2013), a Direcção Geral da Cultura do Norte relançou o *Projecto Viajar Com ... Os Caminhos da Literatura*, reeditando alguns livros de autores já mencionados, nomeadamente Eça de Queirós e Aquilino Ribeiro, mas retirando-lhes as informações turísticas que acima referimos, o que, quanto a nós, não beneficia o Turismo Literário. Contudo, reforça o papel dos *Escritores a Norte*, incluindo nesta iniciativa a Fundação Cupertino Miranda e escritores-pintores como Cruzeiro Seixas e Mário Cesariny (Leitão, 2016).

Dentro das mais recentes iniciativas dedicadas à Literatura, que poderão promover o Turismo Literário na região duriense, encontramos referências ao projecto “O Douro nos caminhos da Literatura”, igualmente uma iniciativa da Direcção Regional da Cultura do Norte. Esta Direcção anuncia no seu site que no referido Projecto, que engloba escritores do século XIX e XX,

“Foram contemplados os seguintes escritores: Miguel Torga, João de Araújo Correia, Aquilino Ribeiro, Guerra Junqueiro, Trindade Coelho, Pina de Morais e Domingos Monteiro (...) a partir do material fotográfico, iconográfico e documental recolhido produziram-se igualmente 7 exposições bibliográficas alusivas a cada um dos painéis (...) As exposições são compostas por 147 painéis (...)”⁷

Pela informação prestada, percebemos igualmente que este circulou por Bibliotecas Municipais nortenhas, como a de S. João da Pesqueira, bem como pelos “Monumentos do Douro”, como o Mosteiro de Tibães. O projecto contemplou igualmente escritores não durienses, mas que escreveram sobre o Douro, como Alves Redol.

Citamos estas iniciativas como forma de enaltecer o envolvimento de instituições culturais e autarquias, que se desenrola a Norte de Portugal (o que nem sempre acontece no Centro e Sul, com excepção do recente Festival Folio, em 2015 (1ª Edição e 2ª Edição em 2016), na Vila de Óbidos (Leitão, 2016), na afirmação do Turismo Literário, nomeadamente na região do Alto Douro Vinhateiro, bem como modo de dar a conhecer alguns dos mais ilustres escritores portugueses do século XIX e XX ligados à região nortenha.

Apesar de a Literatura misturar o real com o imaginário, é curioso ressaltar que para se poder entender como viviam as populações junto das belas margens do rio, durante as várias décadas do século XX, há investigadores que têm recorrido não aos registos de técnicos agrícolas ou de etnógrafos, mas sim às páginas ficcionais onde se encontram descrições sobre a faina penosa e desumana associado à agricultura e ao transporte da uva e de outros produtos, através dos barcos rabelos, o que envolvia a vida quotidiana dos homens, mas também das mulheres e crianças desta região (aliás, a exploração do trabalho masculino, mas também feminino e infantil, foi um *leit motive*,

⁷ (<http://www.portodosmuseus.pt/redirect-teste/direccao-regional-da-cultura-do-norte/>) (26-01-2016).

ficcional e real, mencionado sobretudo pelos escritores do Neo-Realismo, até ao 25 de Abril de 1974). Pinto da Costa, no seu importante estudo antropológico sobre este lugar, refere ter tido necessidade de consultar obras de escritores como “Campos Monteiro, Pina de Moraes, Miguel Torga, Araújo Correia, Alves Redol, Domingues Monteiro, Guedes de Amorim e José Aguilar” (Pinto da Costa, *ibidem*: 19) para poder estudar o modo de vida de então.

Deste modo, relativamente à selecção de textos literários que pudessem ilustrar algumas das características e belezas deste património, dadas as contingências editoriais e o facto de tecermos, sobretudo neste ponto 3, inúmeras alusões a escritores dos séculos XIX e XX que o consagraram, referenciaremos apenas alguns autores do século XX. Já no que toca às Artes, serão mencionados pintores dos séculos XIX e XX, dado que é uma área normalmente menos abordada, em Portugal, na promoção turística dos lugares.

3. A LITERATURA

3.1. A visão de alguns escritores nacionais

Entre as obras que referem esta região ou a ela são dedicadas, escritas em meados do século passado por escritores nacionais, gostaríamos de salientar uma, que descreve de forma bastante poética algumas das características que temos vindo a mencionar sobre este lugar. Trata-se da obra *Portugal*, que nos pode servir de itinerário literário, visto que percorre o país de Norte a Sul, tendo sido publicada pela primeira vez em 1950. Nela, o transmontano Adolfo Coelho da Rocha (1907-1995), natural de S. Martinho de Anta (concelho de Sabrosa, um dos que está abrangido pela UNESCO), médico que adoptou o pseudónimo de Miguel Torga⁸, conhecedor da importância do rio, pilar de toda esta região, afirma, a propósito do “Doiro”:

“Começa em Miranda (do Douro) e acaba na Foz (do Porto), este calvário (...). No Portugal telúrico e fluvial não conheço outro drama assim, feito de carne e sangue. Drama cruciante e ciclópico, que é o embate de duas forças brutas no primeiro acto, um corpo-a-corpo de vida ou de morte no segundo, e uma espécie de triunfo da fatalidade no terceiro, com o pano do mar a cair (...) Doiro, região e rio, é certamente a realidade mais séria que temos. Nenhum outro caudal nosso corre em leito mais duro, encontra obstáculos mais encarniçados, peleja mais arduamente em todo o caminho (...). No verão, um calor de forja caldeia o xisto e transforma a corrente numa alucinação de lava a mover-se. No inverno, até os olhos das videiras choram de frio. Beleza não falta em qualquer tempo (...). Mas a própria beleza deve ser entendida (...). Não é descer de Sabrosa para o Pinhão e estacar em S. Cristóvão, e abrir a boca de espanto (...). É compreender toda a significação da tragédia, desde a tentação do cenário, à condenação de Pormeteu, ao clamor do coro (...). Ser nesse chão árido e hostil um novo criador de vida (...) transformar cada ravina em parapeito de esperança e cada bagada de suor em gota de doçura eis o que o Titã ensinou aos homens, e o que Zeus não lhe perdoou (...) e enquanto a águia do destino continua a devorar o gigante, de croças e tesouras na mão, ou arregaçados nos lagares, ou de vindimeiro às costas, os discípulos do grande revoltado vão-no vingando, seguindo-lhe a lição (...)” (1993: 45-47).

⁸ Entre outras dedicadas à região do Alto Douro, como algumas páginas do(s) seu(s) *Diário* (16 Volumes), ou dos *Contos da Montanha*, nomeadamente o conto “A Vindima”: “O sol, depois de empassar as uvas, queria empassar a terra. Invulnerável, porém, o raio da rapariga (...) mal o Doiro apareceu lá em baixo, ao fundo, como uma veia aberta do corpo ciclópico dos montes, atirou logo: *Foi no Pinhão.../ Ia a vindimar um cacho, / vindimei-te o coração*” (1987: 175).

Esta obra foi precedida do primeiro romance do autor, publicado em 1945, *Vindima*, uma homenagem à paisagem e às gentes durienses, que viviam uma vida atribulada e de miséria, no seio de uma sociedade injusta, descrição que contrasta com os cenários e paisagens idílicas que o turismo de hoje nos transmite. Torga dá-nos igualmente uma ideia da terra e das vinhas, antes e após a vindima. Ouçamo-lo:

“Anoitecia. Mas pelas encostas íngremes e amarelecidas de todo o Douro, nos socalcos amparados por muros sucessivos e paralelos, as vindimas continuavam. Ranchos de mulheres, aqui e além (...) E bichas de homens transportavam dos altos píncaros para os fundos lagares as uvas que só aos ombros podem ser conduzidas. Nas paredes dos geios, lages salientes de lousa fazem de degraus de escada. E os acarretadores, de saco de estopa na cabeça, para os proteger do sumo que escorre, um gancho de pau ou um sacho na mão para segurar o cesto sôbre a trouxa, desciam por ali abaixo dobrados de suor e de pêso (...). No retalho da encosta vindimada, o luar avolumava a tristeza das videiras sem uvas. As vides erguiam para o céu as varas vazias, desfolhadas, como num protesto⁹” (Torga, 1945: 191).

Mais no final do século, outros escritores centram a sua atenção nesta região, como o *viajante natural das terras baixas* (1995: 23) José Saramago (1922-2010) que, noutro itinerário literário desenhado para o nosso país, a *Viagem a Portugal* (1981), começa precisamente o seu périplo no Douro internacional¹⁰ (no Nordeste transmontano, em Miranda do Douro). Utiliza palavras que nos recordam o estilo de Vieira, para seguidamente, não se afastando dessa espinha dorsal que é o Douro (e seus afluentes), tecer noutro lugar considerações sobre este património paisagístico e a quem há séculos o trabalha, bem como sobre o património edificado que distingue esta região, como é o caso dos antigos solares do século XVIII:

“Já não é só a complicada história do que falta a uns sobeja a outros, é, para este caso de agora, o grave delito de não se trazer a esta estrada todos os portugueses de aquém e de além, para que nos seus olhos ficasse a formidável impressão destas encostas cultivadas em socalcos, cobertas de vinhas de cima a baixo, a grafia dos muros de suporte que vão acompanhando o fluir do monte (...) Por isso mesmo queria ver nesta estrada um desfile ininterrupto de compatriotas, sempre por aí abaixo até Peso da Régua, para dar uma ajuda aos vindimadores (...) aceitando ou pedindo um cacho de uvas, cheirando o mosto dos lagares, metendo nele os braços e tirando-os tintos de sangue (...) na encosta de lá vêem-se melhor as casas, até elas condizem com a paisagem. Não são

⁹ Para além dos usos e costumes da vindima e do trabalho dos vindimadores, em “S. Martinho da Anta” (p.13) ou em “Penaguião” (p. 39), Torga refere ainda o Barão Joseph James Forrester (Inglaterra, 1809 – Portugal, 1861), que fica conhecido por ter iniciado uma reforma no comércio dos vinhos, que até à mesma eram adulterados. O Barão desenhará mapas minuciosos do Rio (*Mapa do Rio Douro*). Morre no Cachão da Valeira (S. João da Pesqueira), pela circunstância que será descrita pelo narrador. D. Antónia Adelaide Ferreira (Godim, Peso da Régua, 1811 - Godim, Peso da Régua, 1896), grande empresária vitícola conhecida como a *Ferreirinha* (nome da marca de vinho do Porto a ela associada, que ainda se conserva no actual mercado português), acompanhava o Barão de Forrester e não morre, segundo a *estória*, dada a circunstância descrita: “Interessou-lhe (ao Dr. Bruno) mais a conquista do Douro pelo capital. À voz do senhor Ângelo a falar do Forrester, em D. Antónia Ferreirinha e outros pioneiros dessa luta (...) E assistiu com certa emoção à morte do inglês no Cachão da Valeira, ao vestido de balão da companheira a flutuar nas águas e achou verosímil que fosse o cinturão de libras que o de sua majestade levava à cinta o causador da desgraça” (Torga, *ibidem*: 48-49). Este e outros locais perigosos, cujas águas são dominadas nos dias de hoje pelas barragens a montante do rio, são agora motivo de turismo (como exemplo, o Miradouro mais próximo para admirar este Cachão é o de “São Salvador do Mundo”, em São João da Pesqueira, na margem esquerda do Douro).

¹⁰ Actualmente há uma *Rota do Douro Ibérico do Património Mundial*, que reúne dez sítios Património Mundial, que se situam na região Norte de Portugal e na região fronteiriça de Castilla-Léon.

ermos estes lugares. Tempos houve, antiquíssimos, em que estas montanhas de xisto teriam sido assustadoras e eriçadas massas, recozendo ao sol ou varridas de cataratas de água nos grandes temporais (...) Depois veio o homem e pôs-se a fabricar terra (...) fez com que se esfarelasse as pedras entre as palmas grossas das mãos, usou o malho e o alvião, empilhou, fez os muros, quilómetros de muros (...) Aqui, entre Vila Real e Peso da Régua, a arte do socalco atinge a suma perfeição e é um trabalho que nunca está concluído, é preciso escorar, dar atenção à terra que aluiu, à laje que deslizou, à raiz que fez de alavanca e ameaça precipitar o muro no fundo do vale. Vistos de longe estes homens e estas mulheres parecem anões naturais no reino de Lilipute, e afinal desafiavam em força as montanhas e mantêm-nas domesticadas. São gigantes pessoas (...) mais acima, entre as quintas vendo do alto os socalcos, o rio ao fundo (...) diante dos pequenos e recolhidos solares rústicos, netos de Nasoni, arquitecto santíssimo que a estas terras veio (...) o viajante (...) acorda por altura de Lobrigos: uma vez mais pasmado diante dos vinhedos, sem dúvida é esta a oitava maravilha do mundo” (1995: 46-47).

Já Agustina Bessa-Luís (pseudónimo de Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa), nascida em 1922 em Vila Meã, concelho de Amarante (município limitado a leste por Vila Real e por Santa Marta de Penaguião, banhado pelo rio Tâmega¹¹, um dos principais afluentes da margem direita do rio Douro em território português), vive a infância e a adolescência na região de Entre- Douro e Minho, fixando residência no Porto, em 1950. Muitas das suas obras relacionam-se com essas primeiras memórias, e posteriormente com a *invicta* capital nortenha (como no romance *Fanny Owen*, onde num cenário oitocentista, o escritor Camilo Castelo Branco é uma das suas personagens)¹².

No romance *Vale Abraão* (1991), a autora situa a *estória* da “Bovarinho”, a flaubertiana Ema, na região do Douro, entre Lamego e a Régua, na margem Sul do rio, em lugares ficcionais como o “Romesal”, o “Vesúvio”¹³, a senhorial “Casa das Jacas” e “Vale Abraão”. Entre a narrativa romanesca e a memória histórica deste lugar, relacionada “com algo de cruel, aliado ao banditismo pós liberal e às incursões dos comuneiros foragidos de Toledo” (Bessa-Luís, 2014: 25), Agustina descreve, assim, a margem sul do Douro:

¹¹ Apesar de nos termos centrado apenas nalguns escritores portugueses do século XX, a propósito do rio que banha a cidade de Amarante (que embora não faça parte dos abrangidos pela UNESCO, está ligado a nomes ilustres como o de Teixeira de Pascoaes e de Amadeo de Souza-Cardoso), lembramos o humorístico episódio do nascimento “bíblico” da “criança do mano Teodósio” que, tal como Moisés, aparece num “berço” no rio Tâmega. Esta “marosca”, encenada pelo “mano doutor” e por “Francisco Bragadas”, caseiro dos “fidalgos de Santa Eulália” (onde estes “costumavam passar o estio para se banharem” no rio) é deste modo descrita por Camilo, em *Maria Moisés*: “Quando o caseiro, a deitar os bofes pela boca, apareceu a dar a notícia do achado da criança no Tâmega, estavam as senhoras e mais o cónego e o irmão a jogar sueca (...) O cónego ergueu os óculos de tartaruga para a testa, e exclamou: Parece um caso bíblico!” (Branco, s.d.: 49)

¹² Admirado por Agustina, Camilo, lisboeta de nascimento, criou também ele narrativas relacionadas com cidades como Vila Real (onde viveu), Lamego ou Porto (onde esteve preso), como é exemplo a sua obra *Amor de Perdição*.

¹³ No entanto, a Quinta do Vesúvio existe na realidade. A “Senhora”, que Agustina menciona na obra, refere a sua proprietária original, D. Antónia Adelaide Ferreira, a *Ferreirinha*, mencionada no episódio descrito por Torga (rodapé 10). Os actuais proprietário não possuem qualquer ligação com a proprietária original. As quintas e os solares e da região do Douro fazem também parte da sua paisagem e são referidos por escritores como Torga, Saramago ou Agustina. Actualmente, algumas são visitadas pelos turistas.

“A margem esquerda dos rios não apetece tanto, seja porque o sol a procura em horas mais solitárias, seja porque a povoa gente mais tristonha e descendente de homiziados e descontentes do mundo e das suas leis. A região demarcada do Douro, que ocupa quase na sua totalidade a margem direita, prova pelo menos que o reflexo solar tem efeitos no negócio dos homens e lhes determina a morada.

Porém, há na curva que apascenta o rio pelo chão areento, ao sair da Régua, um vale ribeiro de produção ainda de vinhos de cheiro e que se estende, rumo à cidade de Lamego, comarca a que pertence, até às águas medicinais de Cambres. É o Vale Abraão, com suas quintas e lugares de sombra que parecem acentuar a memória dum trânsito mourisco que de Granada trazia as mercadorias do oriente e, porventura, os gostos de pomares de citrinos e os vergéis de puro remanso. Almançor teve residência em Lamego e escreveu aí a história da campanha com os seus aliados, os condes moçárabes” (*idem, ibidem*: 5).

3.2. A visão de alguns escritores estrangeiros

De entre os escritores estrangeiros que referiram o rio Douro e exaltaram a sua paisagem, na primeira metade do século XX, destacamos Miguel de Unamuno (1864-1936), intelectual basco que se destaca, a nível nacional e internacional, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX. Foi Reitor da Universidade de Salamanca e é um dos primeiros autores espanhóis não só a interessar-se por Portugal (como Juan Valera ou Menéndez Pelayo) e ler e/ou manter relação com alguns dos seus escritores (como é o caso de Eugénio de Castro, Teixeira de Pascoaes, Manuel Laranjeira ou Miguel Torga), mas também a viajar no nosso país e a difundir, na imprensa espanhola e através da sua obra, as viagens que, em trabalho ou acompanhado pela família, para passar férias, aqui fazia (Marcos de Diós, 1985).

É na sua primeira vinda a Portugal, em 1906, que visita o Porto. Entre outros, nessa cidade escreverá um dos seus poemas dedicados a Portugal intitulado: “En una ciudad extranjera” (Unamuno *in* Marcos de Diós, *ibidem*: 77-82). Em 1910, ao dirigir-se à mesma cidade, escreve: “A bordo del «Romney rumbo a Oporto»” (*idem, ibidem*: 85-90). Entre 1928 e 1930, faz três redacções do poema “Durium-Duero-Douro”, onde refere localidades do Douro internacional e nacional. Da primeira versão deste poema transcrevemos as seguintes estrofes:

“(…) de peregrino recuerdo / Lígrimos, lánguidos, íntimos / espejando limpios cielos, / abrevando pardos campos, / sussurrando romanceros (...) / Barca d’Alva del abrazo / del Águeda con el Duero, / Douro que bordando viñas / vas a la mar prisioneiro. / En la Foz de Oporto sueña / con el Urbión altanero; / Soria en la sobremeseta, / con la mar, toda sendeiro. / Arbol de fuertes raíces / aterrado al santo suelo / la eternidade del ensuño, / sueñan tus hojas las aguas” (Unamuno *in* Marcos de Diós, 1985: 93).

Em 1949 é publicada, em Inglaterra, *The Selective Traveller in Portugal*, obra que foi editada não só em Inglaterra mas também nos EUA. Recentemente, foi traduzida em português com o título *Duas Inglesas em Portugal* (2008). As inglesas são as escritoras Ann Bridge e Susan Lowndes, que deram a volta ao país no Verão de 1947, num carro que alugaram com motorista (Vicente, 2008: 8-9). O livro obteve imenso sucesso na época e destinava-se a ser um guia do nosso país, na sua componente continental e insular. Ann chegada a Lisboa em 1939, partindo de imediato à descoberta de Portugal. Em carta a Susan relata a sua *experience* turística no Alto Douro:

“Regressei de uma semana maravilhosa no rio Douro, vendo como se faz todo o processo da vindima. Eu própria pisei uvas, com um fato de banho vestido, para sentir como era. Também

encontrei (...) uma aldeia lindíssima chamada Carvalho, com uma casa antiga pertencente à família de Pombal.” (Bridge, cit. Vicente, *ibidem*: 5).

Muitas destas entusiásticas impressões nem sempre transparecem desta forma no *Selective Traveller*, cuja redacção é mais contida, embora não se aproxime da linguagem meramente denotativa, típica dos guias actuais. As autoras tecem observações mais (caso do património construído como igrejas, solares) ou menos elogiosas (caso do alojamento da época), sobre a região. Conquanto não descurem totalmente a paisagem, centram a sua atenção na vindima (expondo a dureza e solidão individual a que este trabalho está votado), no transporte (“por comboio ou nos grandes barcos rabelos (...) pelo meio dos rápidos e das correntes selvagens do grande rio”) e na elaboração do Vinho do Porto (...), afirmando a este propósito que: “O vinho do Porto é produzido recorrendo a métodos mais complicados e elaborados do que qualquer vinho do mundo (...) o *País do Vinho* começa acima da Régua, no Douro, na zona onde começa o xisto”. Sobre o método com que se fazia a “pisa das uvas”, da qual fazem detalhadíssimas descrições, que vão do sincronismo dos movimentos dos trabalhadores, “numa rotação regular” para se obter a “lágrima”, ao tipo de vestuário garrido e acompanhamento com canções folclóricas (os “viras”), afirmam: “É uma verdadeira iluminura da Bíblia!”. As duas inglesas explicam igualmente o motivo pelo qual os ingleses bebem este vinho:

“A história do comércio e exportação do vinho no Norte, desenvolvida sobretudo pelos Ingleses em resposta à necessidade de vitaminas no mar para a sua marinha de guerra e mercante, e depois expandido e adaptado para corresponder ao gosto dos burgueses e da aristocracia ingleses, de um vinho forte e doce para beber após o jantar e com o qual pudessem repelir o frio e a humidade do seu clima nativo.” (Bridge, Lowndes, *ibidem*: 220 - 222).

Já a “veteran travel journalist with more of 25 year of experience” (como é anunciada na contracapa da obra) Patricia Schultz publica, nos U.S.A em 2011, a obra *1,000 Thousands Places to See Before you Die (The World Revisited*, como declara no Índice), uma obra que beneficiou, além da visão da autora, da de uma equipa que compreendeu uma extensa lista de colaboradores, que Schultz apelida de “team of road warriors (...) a remarkable group of individuals (...) bright, knowledgeable, cultured and fun”, “kindred adventurers” que com ela viajaram nesta autêntica *volta ao mundo* (Schultz: 2011: VI). Na sua “*Storied History on the Golden River of Wine*”, afirma sobre o “*Porto and the Douro Valley*”:

“There’s magic in the air – on – the rocks – in the upper Douro River Valley, were vintners conjure wine from the stony riverbanks. The vineyards that cling to towering cliffs above the golden river that snacks along a deep gorge are tended by hand because tractor can’t negotiate the steep incline. Yet out of this unlikely landscape comes one of the world’s sweetest and richest wines – port” (*ibidem*: 244).

4. AS ARTES

Toda a paisagem que acompanha o rio Douro, da nascente à Foz, tem suscitado a inspiração de múltiplos autores e apelado a diferentes manifestações literária e artísticas, dada a beleza, mais ou menos agreste, que acompanha o curso do rio e seus afluentes.

Afinal, o Douro existe desde o início dos tempos.... Contudo, nem sempre a pintura captou estas paisagens e as formas de vida que melhor a definem, o que a fotografia fez com tanto êxito, a partir de meados do século XIX¹⁴, o que posteriormente também ocorreu, já no século XXI, com a literatura ou o cinema. Tal como expusemos anteriormente, no que respeita aos Alpes do século XVII e seguintes, continuamos a crer que estas razões se prendem com a mudança de mentalidades e as condições de vida, sendo que os próprios meios de comunicação, como o comboio¹⁵, vieram, como sabemos, revolucionar práticas ancestrais e facilitar o acesso às localidades.

4.1 A Pintura

“e as cores, como há-de o viajante em prosa de correr dizer o que são estas cores, (...) é um quadro que ninguém poderá pintar, é uma sinfonia, uma ópera, é o inexprimível.”

(Saramago, *ibidem*: 47)

Se o *viajante* Saramago sentiu, na sua *Viagem*, dificuldade para expressar, através da escrita, as cores do Alto Douro, a paisagem a elas associada, tarefa não menos fácil será por certo a da pintura, e o interesse que a actividade vinícola e vitícola poderá despertar nos artistas plásticos.

No *corpus* que escolhemos para esta pesquisa pictórica, envolvemos alguns dos mais destacados pintores paisagistas portugueses (de costumes; de serras e de campos, cultivados ou não, com ou sem gado; de locais à beira-rio ou à beira-mar, com barcos e pescadores; praias com banhistas), que se dedicaram não só à pintura de paisagens, mas também à pintura de encomenda (como as de factos históricos, retratos, etc) de meados de século XIX até às primeiras décadas do XX, pintores que viveram o período do “Grupo do Leão” e do Naturalismo¹⁶, alguns com laivos impressionistas, bem como os que atravessaram o final do século XIX para o XX, o período do Decadentismo-Simbolismo. No que respeita ao século XX, consultámos ainda obras referentes a alguns pintores que atravessaram uma fase Neo-Realista, que se inicia formalmente na década de trinta.

¹⁴ A título de exemplo, a invenção da fotografia, na década de 20 do século XIX, ao representar a natureza, antes mesmo de se tornar uma arte, fez perigar, para os mais conservadores da época a «existência de modalidades artísticas como a gravura, a litografia a pintura de género e o retrato» (Hobsbawm, 1988: 388). A fotografia foi, talvez, um dos maiores contributos para projectar a região do Douro. Por contingência de escrita, deixamos aqui apenas breve apontamento sobre a obra do fotógrafo da *Caza Real*, Emílio Biel (Amberg, Baviera, 1838 – Porto, 1915), que monta a Casa Fritz/ Casa Biel, dedicada à fotografia, na Rua do Almada, no Porto. Este fotógrafo é igualmente um comerciante e um industrial, que monta a primeira central hidroeléctrica no país, no século XIX, instalada no Rio Corgo. Segue-se-lhe, na arte fotográfica, o seu discípulo Domingos Alvão (Porto, 1872 – Porto, 1946).

¹⁵ A estação da Régua, que serve a histórica cidade do Vinho do Porto, foi construída cerca de 1879 (*Caminhos-de-Ferro Portugueses*, 2006: 31). Para além do comboio regional, que parte da Estação de S. Bento (Porto) e circula na região considerada pela UNESCO, o *Comboio Histórico a Vapor da Linha do Douro*, parte da Régua (onde foram construídos os armazéns da Real Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, criada em 1756 pelo Marquês de Pombal), passa pelas estações de Tua e Pinhão, terminando o seu percurso turístico no Pocinho. Nesta área, considerada pela UNESCO, realizam-se também cruzeiros.

¹⁶ Vide, a este propósito, “O Grupo do Leão” e “A primeira Geração Naturalista” (França, 1990: 23-67).

Sem querer desmerecer nenhum artista plástico, falamos de António Carvalho da Silva/Silva Porto¹⁷, João Marques de Oliveira¹⁸, António Ramalho¹⁹; Henrique Pousão (pintor, escultor)²⁰, Aurélia de Sousa²¹, António Carneiro²², Joaquim Lopes²³ ou Dominguez Alvarez²⁴, (ainda ligado ao Naturalismo português/galego e espanhol). Escolhemos, assim, os artistas que estiveram relacionados com o Porto ou com regiões perto desta urbe, seja por nascença, período de vida, estudo ou trabalho. Verificámos que todos tiveram experiências internacionais, em França, Itália ou Espanha. Alguns tiveram uma origem humilde, como António Ramalho (que nasce precisamente num dos concelhos abrangidos pela Unesco, ou seja, Mesão Frio) ou António Carneiro, o que não os impediu de prosseguirem com os seus sonhos, com a sua carreira. Inclusive Aurélia de Sousa que, embora sem problemas económicos, se deparou com as algumas das dificuldades inerentes a uma época ainda não habituada a mulheres intelectuais.

Em comum, dentro da investigação que fizemos (ver bibliografia), parece no entanto que nenhum se deixou surpreender pelas paisagens e trabalho ligados à faina vinícola e vitícola do Alto Douro, embora não deixassem, de acordo com o Naturalismo-Realismo e o Simbolismo finissecular, de representar a cidade do Porto e arredores, como Henrique Pousão - “Casa Rústica em Campanhã” (1880), ou “Paisagem

¹⁷ Nasce em 1850, no Porto, falece em Lisboa, em 1893. Estudou na Academia Portuense de Belas Artes. Foi convidado a ensinar na Academia de Lisboa, como mestre de Paisagem. Faz parte do *Grupo do Leão*, com José Malhoa, António Ramalho, João Vaz, Cesário Verde, Columbano e Bordalo Pinheiro (França, 1990: 23-45)

¹⁸ Nasce no Porto, em 1853, e falece nessa cidade, em 1927. Estudou na Academia Portuense (França, *idem, ibidem*).

¹⁹ Nasce em 1859, no lugar de Vale Moreira, freguesia de Barqueiros, no concelho de Mesão Frio, “o pai era dono de um barco rabelo, actividade maioritária nesta região, economicamente dominada pela produção vinícola” e com a maioria dos habitantes vivendo na pobreza (Markl, 2004:11); no Porto é marçano na Rua Formosa; foge para Lisboa; em 1874-1875 entra na Escola de Belas-Artes de Lisboa; entre 1905-1909 pinta a escadaria Nobre do Palácio da Bolsa, Porto; em 1916 morre na Figueira da Foz. *Pinta dois universos, os que trabalham e os que passeiam* (*ibidem*: 47)

²⁰ Nasce em 1859, em Vila Viçosa, filho de um magistrado; em 1872, matricula-se na Academia de Belas- Artes do Porto; em 1880, com outros artistas, cria o Centro Artístico Portuense; em 1884 morre em Vila Viçosa.

²¹ Nasce em Valparaíso, em 1866; filha de pai portuense emigrado para o Chile e de mãe chilena, chega ao Porto com três anos; a partir de 1869, a numerosa família habita a Quinta da China, na margem direita do Douro, junto à cidade do Porto; em 1893-1896, frequenta a Academia de Belas-Artes do Porto; morre na Quinta da China, em 1922.

²² Nasce em Amarante, em 1872, cidade banhada pelo rio Tâmega, afluente situado na margem do rio Douro; é originário de uma família pobre; em 1879 fica órfão e é internado num Asilo; em 1884 é aluno da Academia de Belas Artes do Porto; em 1918 é professor de nomeação definitiva na Academia de Belas Artes do Porto; em 1925 tem um *atelier* na Rua Barros Lima (actual Rua António Carneiro), no Porto; em 1930 morre nesta cidade.

²³ Nasce em Vilar do Paraíso (Vila Nova de Gaia), em 1883 e falece no Porto, em 1956. Foi aluno de Teixeira Lopes, José de Brito e Marques de Oliveira. Pintor, desenhador e aquarelista, pintou desde paisagens ao retrato. Foi Professor da Escola de Belas Artes do Porto. Tal como os outros pintores, tem obra em diversos museus nacionais (Soares dos Reis, do Douro, Grão Vasco...) (Silva, 2012).

²⁴ Nasce em 1906, no Porto, filho de um empregado comercial e de mãe galega; em 1926 é aluno da Escola de Belas-Artes do Porto; em 1942 é professor interino na escola industrial Infante D. Henrique do Porto; em 1942 morre na casa paterna, no nº 770 da Rua da Vigorosa, Porto.

do Porto (1880), esta última ilustrada com um carro de bois, que transporta uvas ; o rio Douro - como António Carneiro, “Porto Manso - O Rio Douro em Ancede” (1927); ou retratando-o com paisagens mais tranquilas e de pendor impressionistas, como é o caso de Aurélia de Sousa (“Na Varanda” (s.d.), “Vista do Douro” (s.d.), “Paisagem, Margens do Douro” (s.d.), “Paisagem” e “Rio Douro” (s.d.).

Em relação à ausência de paisagens ligadas à actividade vinícola e vitícola, talvez ela se prenda com o que Andrade refere, no seu artigo “Por este Douro abaixo”: “Descobrimos, então, que o Douro das terras altas (por exemplo Sebadelhe, em Vila Nova de Foz Côa) fora, até meados do século passado, era terra de searas e ceifeiros (...) antes de ter sido colonizado pela cultura da vinha. E apercebemo-nos de troços do rio com uma geografia bastante diferente daquela que foi depois redesenhada com a instalação das barragens” (2009: 7).

Reforçando um pouco este parecer, encontramos, em 1935, Almeida Moreira que, a propósito da paisagem de searas e de relevo montanhoso das “Terras de Sebadelhe” (1923) (pertencentes ao referido concelho de Foz Côa) pintadas por Joaquim Lopes, escreve ao pintor o seguinte: “Passei em Sebadelhe (...) Agora ainda admiro mais o seu quadro, depois de ter percorrido aquela paisagem toda do Pinhão a São João da Pesqueira e desta a Vila Nova de Foz Côa, tendo passado por Sebadelhe! É admirável o seu quadro, que eu aliás já admirava muito, mesmo sem ter percorrido aquelas montanhas todas.” (Moreira, cit. Silva, 2012: 65). Ora, a confirmar-se esta mudança na paisagem agrícola (que passa da exploração cerealífera para a vinhateira), que reflecte as diferentes mutações que os lugares vão sofrendo, fruto da acção do homem sobre a paisagem, longe de retirar interesse turístico à obra de arte ou à própria paisagem, paradoxalmente poderá servir para incentivar um tipo de turismo mais criativo, em que o turista, devidamente informado, poderá imaginar outra paisagem distinta da que contempla.

Dominguez Alvarez pinta, de forma inquietante, a cidade do Porto, com as suas ruas e tabernas (“Porta de Casa” (s.d.), “Santo Ildefonso”, (s.d.) , “Adega do Galo” (1930), “Taberna” (s.d.), “Taverna Russa” (1929), “Vista dos Clérigos” (1932), e também paisagens fluviais (“Paisagem com Rio e Rochas” (s. d.) e agrícolas, estas últimas sem rio ou gentes ali a trabalhar. A excepção, em relação a esta temática vinhateira, parece ser a do pintor dos costumes e tradições, pioneiro, com Silva Porto, do Naturalismo em Portugal, José Malhoa²⁵. O autor de “Fado” e de “A Caminho da Romaria” pinta, no final do século XIX, “As Vindimas”, quadro que representa esta actividade rural, embora se desconheça onde foi captada ou onde o quadro se encontra.

Outro dos pintores que, como Malhoa, não nasceu no Porto, mas que “promove” a região duriense, foi Falcão Trigoso (Lisboa, 1879 - Lisboa,1956), com a obra “A Senhora do Salto”, pintada no Rio Sousa, um afluente da margem direita do rio Douro. Neste local existe uma Capela, dedicada à Senhora do Salto, sobre a qual se conta uma lenda relacionada com o milagre que a Senhora do Salto terá realizado. Encontrámos igualmente, nas gerações seguintes, Lima de Freitas²⁶, na sua fase Neo-Realista, a ilustrar a obra *Vindima de Sangue* (1949), o terceiro volume do *Ciclo Port-Wine* de

²⁵ José Vital Branco Malhoa nasce nas Caldas da Rainha em 1855 e falece em 1933, em Figueiró dos Vinhos. Estuda na Relá Academia de Belas Artes de Lisboa.

²⁶ José Lima de Freitas nasce em Setúbal, em 1927, e veio a morrer em 1998, em Lisboa. Foi ilustrador e optou, numa primeira fase, pelo Neo-Realismo e, posteriormente, pelo Surrealismo.

Alves Redol (1911-1996), que compreendia, além dessa obra, o *Horizonte Cerrado* (1949) e *Os Homens e as Sombras* (1953)²⁷.

Dos catálogos que revisitámos, entre outros os referentes a três exposições retrospectivas do pintor Júlio Pomar²⁸, dado o período do artista associado ao Neo-Realismo, dos anos 40 e 50, nomeadamente: *Pomar, Autobiografia* (2004); *Júlio Pomar e a experiência Neo-Realista* (2008); *Júlio Pomar, Obras da Coleção do Milenium bcp* (2015); nos dois últimos encontramos algumas referências às pinturas/murais do Cinema Batalha, realizadas entre 1946-1947. No catálogo de 2008, no seu “Estudo para fresco do Cinema Batalha” (1ª versão, 1946, p. 94), são nítidas as referências à actividade vinhateira, onde aparecem os homens com os seus cestos de vindimadores.

4.2. O Cinema de Manoel de Oliveira

Não querendo elitizar o nome de um cineasta português, não poderei deixar de o fazer, pois o cinema de Manoel de Oliveira (1908-2015), com toda a sua projecção, a nível nacional e internacional, levou imagens do seu Porto natal e da paisagem do rio Douro a diversas partes do mundo americano ou europeu.

Deste modo, o documentário sobre o Douro, *Faina Fluvial* (1931), é o primeiro filme português de cariz etnográfico, “com música a acompanhar a mudez da fita” do seu “Douro natal”²⁹, o “Porto da beira-rio (...) nisto criando um corpo dinâmico de imagens inovadoras na cultura do tempo português” (J.L. Augusto-França, 2008: 8). Um filme em que a “força telúrica do Douro se confunde com a força dos membros que homens, mulheres e crianças exibem na dura faina fluvial. E o domínio da transcendência emerge através de uma estética do grito que atravessa o expressionismo e o neo-realismo do filme” (J. N. Lima, 2008: 7). À infância pobre da Ribeira do Porto e de Gaia voltará em *Aniki-Bobó* (1942), inspirado num conto poético de Rodrigues de Freitas, *Meninos Milionários*.

Posteriormente, afastando-se desse seu primeiro momento neo-realista cinematográfico, mas não do rio da sua infância, em 1993 filma *Vale Abraão*, baseado no romance homónimo de Agustina Bessa-Luís³⁰ intitulado *Vale Abraão* (1991).

²⁷Na nossa pesquisa sobre a vindima nesta região, ainda revisitámos, sem sucesso, o catálogo da retrospectiva do Museu do Chiado (2000) do grande pintor paisagista, natural de Lisboa, João Cristino da Silva (1829-1877), que esteve no Porto em 1865, aquando da *Exposição Internacional* do Palácio de Cristal.

²⁸ Júlio Pomar (Lisboa, 1926 -). Em 1947, o Cinema Batalha, no Porto, é inaugurado, encontrando-se o fresco maior inacabado, dado que Pomar se encontrava preso. Após uma campanha hostil, as pinturas murais (o mural compreendia mais de 100 metros quadrados), encomendadas a Pomar, foram eliminadas, em 1948, pelas autoridades do regime do Estado Novo (1926/1933 - 1968/1974). Em 1946 foi destituído da Escola de Belas Artes do Porto, por ter participado em actividades estudantis contra a ditadura de Salazar (2014: 84-86).

²⁹ A cidade do Porto será ainda o cenário principal de “O pintor e a cidade” (1956), um documentário que realizou (às suas custas) em colaboração com o aquarelista/pintor António Cruz, um “filme de arte, pioneiro da introdução da cor em Portugal” (Valdemar Cruz) e “Porto da minha infância” (2001), altura em que o Porto foi Capital Europeia da Cultura (Santos, 2008: 13).

³⁰ Como refere Almeida: “Das 32 longas-metragens que compõem a sua obra, metade tem origem em obras literárias. Todavia, com nenhum outro escritor cultivou a proximidade que estabeleceu com Agustina Bessa-Luís. Ao todo, a romancista deixou marca em sete filmes de Oliveira, entre os quais *Francisca* (1981), *Vale Abraão* e *O Convento* (1995).” (JN Almeida, 2008: 12) Como exemplo dessa transposição para o cinema de obras literárias que Oliveira realizou de outros escritores, encontramos,

Rodado na Quinta da Pacheca, nas encostas vinhateiras durienses, a pintora Graça Morais afirma, a propósito do filme: “Maravilhei-me com as paisagens do Douro. Um filme que é a exaltação da vida e da morte.” (JN 2008: 7). Já o escritor Amadeu Baptista dedica, ao realizador e ao filme, o poema “Manoel de Oliveira. Sobre uma sequência de *Vale Abraão*” (2001: 215). Este filme foi projectado no Festival FOLIO (2015), em Óbidos.

5. REFLEXÕES FINAIS

“O que me consola é que todas as nações se vão desnacionalizando e que tudo tende a uma unidade comum (...) Dentro em pouco, há-de haver um só tipo de homens, em toda a Europa, com o mesmo feitio moral, as mesmas frases (...)”

(Eça de Queirós, *Correspondência*, cit. Machado, 2001: 39)

Nos anos 40 do século XX, a propósito da comunicação externa na região e do papel do comboio, recorda Alves Redol: “Ao Douro chegou outra vida. Viajaram comerciantes, prostitutas, ladrões, técnicos e turistas uma humanidade toda diferente. Os que lá viviam sentiram-se oprimidos, como se lhes tivessem invadido o lar e os quisessem expulsar (...) Vieram todos os vícios (...) Chegaram a Sociedade por Acções e o Banco. Vieram a Usura e a Letra. Desembarcaram o Papel Selado e o Fisco” (Redol, cit. Pinto da Costa, *ibidem*: 47)³¹. Quase imutável no seu leito, apesar de barragens e diques, o Douro continua impávido a fazer parte daqueles fenómenos de *longa duração* de que nos falava Braudel, resistindo ao mutável de gostos e modas humanas.

Contudo, nada impede, e é esta a nossa proposta, que se possa dinamizar turisticamente esta região, tomando como ponto de partida os textos literários e aludindo aos artísticos, nomeadamente aos pictóricos. Estes poderão despertar o motivo de interesse para visitas a outros equipamentos turísticos, como os museológicos, nomeadamente o Museu de Soares dos Reis, no Porto, ou o Museu do Douro, em Peso da Régua. Assim autocarros de turismo podem desenvolver itinerários turístico-literários em que não só se apresente a região do ponto de vista das suas potencialidades vitícolas e vinícolas, mas onde sejam lidos (em português ou em traduções estrangeiras) aos turistas (nacionais e estrangeiros) extractos de autores e obras, como por exemplo as que nos referimos. Os guias intérpretes nacionais, especializados em Informação Turística, que acompanham muitas vezes os *bus* e *minibus* de excursionistas, terão de aprender a desenvolver essas competências, bem como a saber relacionar os textos literário, pictórico e filmico, que fazem parte do património cultural de um país, com o espaço envolvente, neste ou noutros contextos geográficos. Nos cruzeiros também poderá ser sugerida, através de um guia especializado, esta forma de olhar a realidade. Como sabemos, já se desenvolvem circuitos e itinerários literários e artísticos (em zonas urbanas e rurais) abrangendo Casas-Museus de escritores e lugares que têm a ver com a sua vida, ou sítios a que fazem alusão nas suas obras ficcionais.

entre outros, *Amor de Perdição* (1979), de Camilo C. Branco, romance a que já aludimos, dados os espaços relacionados com o Douro, onde decorre a acção.

³¹ Alves Redol (1911 - 1969), no período conhecido como *Ciclo Port-Wine*, dedica três romances ao Porto, ao Douro, ao Alto Douro e à faina da vindima: *Horizonte Cerrado*, *Os homens e as Sombras* e *Vindima de Sangue*.

É na salvaguarda do nosso património e do património mundial que reside o valor da diferença, a luta contra a homogeneização crescente, anunciada por Eça, a que chamamos globalização do hambúrguer. A crescente atenção dada à história e ao património, material e imaterial, como elementos de valorização da experiência turística assim o atesta, desde a valorização de moinhos de água ou vento à valorização de centros históricos³², da gastronomia minhota e mediterrânica ao fado e ao cante alentejano. Também a paisagem, a natureza, tem vindo a ser cada vez mais valorizada, na tentativa da sua preservação, apesar da luta que trava contra os riscos ambientais e humanos, que podem levar à sua desagregação.

Sem dúvida que esta região, bem como outras áreas, cidades e vilas circundantes, dada a sua riqueza paisagística, apresentam grande potencialidade de exploração turística, o que se pode confirmar não só por iniciativas de âmbito diverso já realizadas, algumas delas apresentadas ao longo deste artigo, como de outras, associadas às Artes (cujo ex-libris já figura na ancestral arte rupestre de Foz Coa), todas elas potenciadoras de itinerários artísticos e literários. Estes indicam-nos igualmente itinerários gastronómicos (podemos seguir muitas vezes “menús” que nos são descritos/sugeridos nas próprias obras dos escritores), religiosos (que as obras dos autores acima referidos, como Torga, também apontam; sobre o património religiosos foi lançado um guia do *Douro Religioso*, Pereira, 2011); ou do património edificado e imaterial (largamente descrito/registado em muitos obras destes escritores e pintores). Como o turismo não se deveria pretender molecular, são todos estes contributos que poderão, em conjunto, continuar a desenvolver o turismo no Alto Douro Vinhateiro e no Norte de Portugal.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, S. (2008). Cineasta livresco. Literatura é influência obrigatória na obra do realizador. *Jornal de Notícias, Suplemento 100 Anos Manoel Oliveira*, 11 Dezembro de 2008.
- Andrade, S. C. (2009). Por este rio Douro abaixo. *Público, P2*, 17 Dezembro de 2009.
- Baptista, A. (2001). Manoel de Oliveira. Sobre uma sequência de Vale Abraão, *Ao Porto, Colectânea de Poesia sobre o Porto*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Bessa-Luís (2014). Vale Abraão. Lisboa, Babel, 6ª ed.
- Bianchi de Aguiar, F. (2002). *O Alto Douro Vinhateiro, Uma paisagem Cultural, Evolutiva e Viva*. Douro – Estudos e Documentos, Vol. VII (13), 143-152.
- Bridge, A. Lowndes, S. (2008). *Duas Inglesas em Portugal, Uma Viagem pelo País nos Anos 40*. Lisboa, Ed. QUIDNOVI.
- Branco, C. C. (s.d.). *Maria Moisés e Outras Novelas*. Lisboa, Ed. Verbo, Livros RTP.
- Branco, C.C. (1980). *Amor de Perdição*. Porto, Lello & Irmão - Editores.
- Buescu, H.C. (1990). *Incidências do Olhar: Percepção e Representação*. Lisboa, Ed. Caminho.

³² Vide, a propósito das cidades e dos seus centros históricos, Henriques, 2003.

- Buescu, H.C. (2012). Paisagem Literária. Imanência e Transcendência, *Colóquio-Letras*, número 179, Janeiro/Abril. Lisboa, Fundação Calouste-Gulbenkian: 9-17.
- Castro, L. (2004). *António Carneiro*. Lisboa, Edições INAPA.
- Catálogo (2006). *Dominguez Alvarez, 770, Rua da Vigorosa, Porto*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Catálogo (2004). *Pomar, Autobiografia*. Odivelas, Assírio & Alvim e Sintra Museu de Arte Moderna - Coleção Berardo.
- Catálogo (2008). *Júlio Pomar e a experiência Neo-Realista*. Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e Museu do Neo-Realismo.
- Catálogo (2014). *Júlio Pomar, Obras da Coleção Millenium bcp*. Gráfica Maiadouro, Ed. Fundação Millenium bcp.
- Deprest, F. (2004). *Inquérito Sobre o Turismo de Massas, A Ecologia Face ao Território*. Lisboa, Ed. Piaget.
- Duarte, A. (2010). *Aurélia de Sousa*. Lisboa, QUIDNOVI.
- Ferreira, M. F. S. e M. (2002). *Rebeldes e Insubmissos. Resistências Populares ao Liberalismo (1832-1834)*. Porto, Afrontamento.
- França, J.A. (1990). *A Arte em Portugal no Século XIX*. Venda Nova, Bertrand Editora, 3ª ed.
- França, J.A. (2008). Manoel de Oliveira. O Cineasta e a Cultura Portuguesa. *Cem Anos de Manoel de Oliveira, Jornal de Letras*. Nº 996, 3-16 Dezembro de 2008.
- Falcão Trigo, S.P. de F. F. (2004). *Falcão Trigo*. Lisboa, Ed. INAPA.
- Hendrix, H. (2012). Literature and Tourism: Explorations, Reflections, and Challenges, *LIT&TUR, Ensaaios Sobre Literatura e Turismo*. V. N. Famalicão, Ed. Húmus.
- Gomes, R. M., Gomes, G. (Coord. Científica) (2006). *Os Caminhos-de-Ferro Portugueses, 1856-2006*. Tipografia Peres, Ed. CP, Comboios de Portugal.
- Hobsbawm, E.J. (1988). *A Era do Capital*. Lisboa, Editorial Presença.
- Hobsbawm, E.J. (1990). *A Era do Império. 1875-1914*. Lisboa, Editorial Presença.
- Leitão, I. (2016). Reflections on Writer House Museums and Foundations and Literary Tourism, in some European countries and in Portugal, *New Challenges Strategies and Trends in Tourism and Managements. TMS Algarve 2016 Conference*, Chapter XII, Book 1, 2nd Ed. Faro: Universidade do Algarve/ESGHT, pp. 221-240.
- Marcos de Diós, A. (Estudio, Recopilación y Notas) (1985). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.
- Machado, A.M. (2001). Eça e a Mitologia da Cidade, *A Cidade. VII Cursos Internacionais de Verão de Cascais*. Cascais, Câmara Municipal de Cascais.
- Monteiro, G. (1947). *Feras no Povoado, Memórias dum Guerrilheiro Cabralista*. Lisboa, Edição da Empresa Nacional de Publicidade.
- Monteiro, N.G, Ramos, R., Sousa, B.V. (2009). *História de Portugal*. Lisboa, A Esfera dos Livros.

- Lima, I. P. de (2008). Filmografia, Douro, Praia Fluvial. *Jornal de Notícias, Suplemento 100 Anos Manoel Oliveira*, 11 de Dezembro de 2008.
- Markl, A. R. G. (2004). *António Ramalho*. Lisboa, Edições INAPA.
- Morais, Graça (2008). Filmografia, Vale Abraão. *Jornal de Notícias, Suplemento 100 Anos Manoel Oliveira*, 11 de Dezembro de 2008.
- Oliveira, M. (2008). Tributos deixam-me comovido. *Jornal de Notícias, Suplemento 100 Anos Manoel Oliveira*, 11 Dezembro de 2008.
- Pereira, V. da C. (Coord.) (2011). *Douro Religioso, Guia*. Braga, TUREL.
- Pinto da Costa, A.L. (1997). *Alto Douro, terra de vinho e de gente*. Lisboa, Edições Cosmos.
- Portugal, Ida e Volta, Por terra de Sabores, a bordo do comboio regional, Guias de Lazer*, (s.d.). Lifecooler, Comboios de Portugal.
- Ramos, A. (2010). *António Carneiro*. Lisboa, QUIDNOVI.
- Robinson, M. (2007). Narrativas de Estar Noutro Sítio: Turismo e Literatura Turística, *Compêndio de Turismo*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Rocha, I. (1996). *Roteiro da Literatura Portuguesa*. Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Roteiros Turísticos do Património Mundial no Norte de Portugal* (2012). Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Turismo de Portugal
- Rodrigues, A. (2004). *Henrique Pousão*. Lisboa, Edições INAPA.
- Santos, L. R. dos (2001). Kant e o Regresso à Natureza Como Paradigma Estético, *Natureza e Ambiente, Representações na Cultura Portuguesa*. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp. 169-193.
- Silva, A. (Proj. Investigação) (2012). *Joaquim Lopes (1886-1956). Coleções do Museu de Grão-Vasco*. Viseu: EXPOVIS.
- Shultz, Patrícia (2011). *1.000 Thousands Places to See Before you Die*. New York, Workman Publishing Company, second edition.
- Tomás do Couto, M. (coord) (2005). *Museu de José Malhoa, Roteiro*. Caldas da Rainha, Museu José Malhoa.
- Santos, A. (2008). Cidade natal como fonte estética e criativa. *Jornal de Notícias, Suplemento 100 Anos Manoel Oliveira*, 11 Dezembro de 2008.
- Saramago, J. (1995). *Viagem a Portugal*. Lisboa, Editorial Caminho, 11ª Ed.
- Sarmiento, J. C. V. (2004). *Representação, Imaginação e Espaço Virtual: Geografias de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Para a Ciência e Tecnologia.
- Silva, R. H. da (2004). *Aurélia de Sousa*. Lisboa, Ed. INAPA.
- Silveira, M. de A. (2000). *João Cristino da Silva (1829-1877)*. Lisboa, Museu do Chiado.
- Silveira, C. (2010). *Henrique Pousão*. Lisboa, QUIDNOVI.

- Sousa, F. de, Pereira, G.M. (1988). *Alto Douro, Douro Superior*. Lisboa, Ed. Presença.
- Torga, M (1945). *Vindima*. Coimbra, Coimbra Editora, Lda, 1ª Ed., numerada e rubricada pelo autor., ex. nº 4292.
- Torga, M (1987). *Contos da Montanha*. Coimbra, Ed. do Autor, 7ª Ed.
- Torga, M (1993). *Portugal*. Coimbra, Ed. do Autor, 6ª Ed.
- Torga, A. P., Ferreira, M. T. (coord.) (2001). *Ao Porto, Colectânea de Poesia sobre o Porto*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Unamuno, M. (1985). *Escritos de Unamuno sobre Portugal*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.
- Vicente, A. (2008). Introdução à edição portuguesa e notas biográficas sobre as autoras, *Duas Inglesas em Portugal, Uma Viagem pelo País nos Anos 40*. Lisboa, Ed. QUIDNOVI.

Webgrafia:

(<http://www.portodosmuseus.pt/redirect-teste/direccao-regional-da-cultura-do-norte/>)
(26-01-2016)